

□ Tempo de leitura: 12 min.

[*\(continuação do artigo anterior\)*](#)

Início de uma nova etapa

A partir desse momento, tudo correria rapidamente. Francesco se tornou um novo homem: “Ele, a princípio perplexo, inquieto, melancólico” – assim diz A. Ravier, “agora tomava decisões sem demora, não mais arrastava seus empreendimentos, mas se lançava neles de cabeça”.

Imediatamente, em 10 de maio, ele vestiu seu hábito eclesiástico. No dia seguinte, apresentou-se ao vigário da diocese. Em 12 de maio, assumiu seu cargo na catedral de Annecy e visitou o bispo, Dom Cláudio de Granier. Em 13 de maio, ele preside a recitação do Ofício Divino na catedral pela primeira vez. Em seguida, resolveu seus assuntos temporais: abriu mão do título de senhor de Villaroget e de seus direitos como filho primogênito; renunciou à magistratura a que seu pai o havia destinado. De 18 de maio a 7 de junho, ele se retirou com seu amigo e confessor, Amé Bouvard, para o Castelo de Sales, a fim de se preparar para as ordens. Pela última vez, ele é atacado por dúvidas e tentações; sai vitorioso, convencido de que Deus havia se manifestado a ele como “muito misericordioso” durante esses exercícios espirituais. Em seguida, preparou-se para o exame canônico de admissão às ordens.

Convidado pela primeira vez pelo bispo para pregar no dia de Pentecostes, que naquele ano caiu em 6 de junho, ele preparou cuidadosamente seu primeiro sermão para uma festa na qual “não apenas os idosos, mas também os jovens deveriam pregar”; mas a chegada inesperada de outro pregador o impediu de fazê-lo. Em 9 de junho, o bispo de Granier lhe conferiu as quatro ordens menores e, dois dias depois, o promoveu a subdiácono.

Começou então uma intensa atividade pastoral para ele. Em 24 de junho, dia da festa de São João Batista, ele pregou em público pela primeira vez com grande coragem, mas não sem antes sentir um certo tremor, que o obrigou a deitar-se em sua cama por alguns momentos antes de subir ao púlpito. A partir de então, os sermões se multiplicariam.

Uma iniciativa ousada para um subdiácono foi a fundação em Annecy de uma associação destinada a reunir não apenas clérigos, mas sobretudo leigos, homens e mulheres, sob o título de “Confraria dos Penitentes da Santa Cruz”. Ele mesmo redigiu seus estatutos, que foram confirmados e aprovados pelo bispo. Constituída em 1º de setembro de 1593, ela iniciou suas atividades no dia 14 do mesmo mês. Desde o início, os membros eram numerosos e, entre os primeiros

membros, Francisco teve a alegria de contar com seu pai e, algum tempo depois, com seu irmão Luís. Os estatutos previam não apenas celebrações, orações e procissões, mas também visitas aos doentes e prisioneiros. No início, houve certa insatisfação, especialmente entre os religiosos, mas logo se percebeu que o testemunho dos membros era convincente.

Francisco foi ordenado diácono em 18 de setembro e sacerdote três meses depois, em 18 de dezembro de 1593. Após três dias de preparação espiritual, celebrou sua primeira missa em 21 de dezembro e pregou no Natal. Algum tempo depois, ele teve a alegria de batizar sua irmãzinha Joana, a última filha da Senhora de Boisy. Sua instalação oficial na catedral ocorreu no final de dezembro.

Sua “arenga” em latim causou uma grande impressão no bispo e nos outros membros do capítulo, tanto mais profunda quanto o tema que ele abordou era candente: recuperar a antiga sede da diocese, que era Genebra. Todos concordaram: Genebra, a cidade de Calvino que havia banido o catolicismo, precisava ser reconquistada. Sim, mas como? Com que armas? E, antes de tudo, qual era a causa dessa situação deplorável? A resposta do decano não agradou a todos: “São os exemplos dos padres perversos, as ações, as palavras, em essência, a iniquidade de todos, mas particularmente do clero”. Seguindo o exemplo dos profetas, Francisco de Sales não analisou mais as causas políticas, sociais ou ideológicas da reforma protestante; não pregou mais a guerra contra os hereges, mas a conversão de todos. O fim do exílio só poderia ser alcançado por meio da penitência e da oração, em uma palavra, por meio da caridade:

É pela caridade que devemos desmontar os muros de Genebra, pela caridade invadi-la, pela caridade recuperá-la. [...] Não proponho a vocês nem o ferro, nem aquele pó cujo cheiro e gosto lembram a fornalha infernal [...]. É com a fome e a sede sofridas por nós, e não por nossos adversários, que devemos derrotar o inimigo.

Carlos Augusto afirma que, ao final desse discurso, Francisco “desceu de seu ambão em meio aos aplausos de toda a assembleia”, mas pode-se supor que alguns cônegos ficaram irritados com a arenga desse jovem decano.

Ele poderia ter se contentado em “impor a disciplina dos cânones e a exata observância dos estatutos” e, em vez disso, lançou-se em um trabalho pastoral cada vez mais intenso: confissões, pregações em Annecy e nos vilarejos, visitas aos doentes e prisioneiros. Quando necessário, ele empregava seu conhecimento jurídico em benefício de outros, resolvia disputas e discutia com os huguenotes. De janeiro de 1594 até o início de sua missão no Chablais, em setembro, seu trabalho

como pregador deve ter tido um começo promissor. Como mostram as inúmeras citações, suas fontes eram a Bíblia, os Padres e os teólogos, e também não tinha medo de citar autores pagãos como Aristóteles, Plínio e Virgílio, e seu famoso *Jovis omnia plena* [*Tudo está repleto de Júpiter*]. Seu pai não estava acostumado a esse zelo avassalador e a essas pregações frequentes. “Um dia”, disse Francisco a seu amigo João Pedro Camus, “ele me chamou de lado e disse:

Decano, o senhor prega com muita frequência. Eu até ouço o sino tocar nos dias de semana para o sermão e eles me dizem: É o decano! O decano! Na minha época não era assim, os sermões eram muito mais raros; mas que sermões! Deus sabe, eles eram eruditos, bem pesquisados; eram cheios de histórias maravilhosas, um único sermão continha mais citações em latim e grego do que dez dos seus: todos eram arrebatados e edificadores, as pessoas corriam para ouvi-los; o senhor teria ouvido que eles foram buscar maná. Agora o senhor torna essa prática tão comum que não prestamos mais atenção a ela e não a temos mais em tanta estima.”

Francisco não era dessa opinião: para ele, “culpar um trabalhador ou um vinhateiro porque ele cultivava sua terra muito bem era elogiá-lo”.

O início de sua amizade com Antônio Favre

Os humanistas tinham um gosto pela amizade, um espaço favorável para a troca epistolar em que se podia expressar afeto com expressões apropriadas extraídas da antiguidade clássica. Francisco de Sales certamente havia lido o *De amicitia* [*Sobre a amizade*] de Cícero. A expressão com a qual Horácio chamou Virgílio de “a metade da minha alma” (*Et serves animae dimidium meae* [*e guardes a metade da minha alma*]) voltou à sua memória.

Talvez ele também tenha se lembrado da amizade que unia Montaigne e Estêvão de La Boétie: “Éramos, em todos os aspectos, as metades um do outro”, escreveu o autor dos Ensaaios, “sendo uma alma em dois corpos, de acordo com a feliz definição de Aristóteles”; “se me pedirem para explicar por que eu o amava, percebo que isso não pode ser expresso a não ser respondendo: porque ele era ele e porque eu era eu”. Um verdadeiro amigo é um tesouro, diz o provérbio, e Francisco de Sales pôde experimentar que isso era verdade no momento em que sua vida deu uma guinada definitiva, graças à sua amizade com Antônio Favre.

Possuímos a primeira carta que Favre lhe endereçou em 30 de julho de 1593, de Chambéry. Com alusões ao “divino Platão” e em latim elegante e refinado, ele expressou seu desejo: que, escreveu ele, “não apenas o amasse e honrasse, mas também contraísse um vínculo para sempre”. Favre tinha então trinta e cinco

anos, havia sido senador por cinco anos, e Francisco era dez anos mais jovem. Eles já se conheciam por ouvir dizer, e Francisco até tentou entrar em contato com ele. Ao receber a carta, o jovem decano de Sales se alegrou:

Recebi, ilustríssimo homem e íntegro senador, sua carta, o mais precioso penhor de sua benevolência para comigo, que, também porque não era esperada, encheu-me de tanta alegria e admiração que não consigo expressar meus sentimentos.

Além da retórica óbvia, auxiliada pelo uso do latim, esse foi o início de uma amizade que durou até sua morte. À “provocação” do “ilustríssimo e íntegro senador”, que se assemelhava a um desafio para um duelo, Francisco respondeu com expressões adequadas ao caso: se o amigo foi o primeiro a entrar na arena pacífica da amizade, veremos quem será o último a permanecer lá, porque eu – disse Francisco – sou “um lutador que, por natureza, é mais ardente nesse tipo de luta”. Essa primeira troca de correspondência dará origem a um desejo de se encontrar: de fato, ele escreve, “a admiração desperta o desejo de conhecer, é uma máxima que se aprende desde as primeiras páginas da filosofia”. As cartas se sucederam rapidamente.

No final de outubro de 1593, Francisco lhe respondeu para agradecer-lhe por ter conseguido outra amizade, a de Francisco Girard. Ele havia lido e relido as cartas de Favre “mais de dez vezes”. No dia 30 de novembro seguinte, Favre insistiu para que ele aceitasse a dignidade de senador, mas, nesse campo, não será seguido. No início de dezembro, Francisco anunciou a ele que sua “querida mãe” havia dado à luz sua décima terceira criança. No final de dezembro, ele o informa sobre sua próxima ordenação ao sacerdócio, uma “honra distinta e um bem excelente”, que o tornará um homem diferente, apesar dos sentimentos de medo que o dominam. Na véspera do Natal de 1593, houve uma reunião em Annecy, onde Favre provavelmente participou da tomada de posse do jovem decano alguns dias depois. No início de 1594, uma febre obrigou Francisco a ir para a cama, e seu amigo o confortou a tal ponto que disse que a febre de vocês havia se tornado a “nossa” febre. Em março de 1594, ele começou a chamá-lo de “irmão”, enquanto a noiva de Favre seria “minha irmã mais doce” para Francisco.

Essa amizade acabou sendo frutífera e proveitosa, pois em 29 de maio de 1594, Favre, por sua vez, fundou a Confraria da Santa Cruz em Chambéry; e na terça-feira de Pentecostes, os dois amigos organizaram uma grande peregrinação comum a Aix. Em junho, Favre, com sua esposa, chamada por Francisco de “minha irmã mais doce, sua noiva mais ilustre e amada”, e seus “nobres filhos”, foi ansiosamente aguardado em Annecy. Antônio Favre teve então cinco filhos e uma

filha. Em agosto, ele escreveu uma carta aos filhos de Favre para agradecer-lhes pela escrita, incentivá-los a seguir os exemplos do pai e pedir-lhes que transmitissem seus sentimentos de “piedade filial” à mãe deles. Em 2 de setembro de 1594, em uma nota escrita às pressas, Favre anunciou sua próxima visita “o mais rápido possível” e terminou com repetidas saudações não só ao seu “amado irmão”, mas também “aos de Sales e a todos os salesianos”.

Houve quem não se abstinisse de criticar essas cartas um tanto grandiloquentes, cheias de elogios exagerados e períodos em latim muito elogiados. Assim como seu correspondente, o decano de Sales, intercalando seu latim com referências à Bíblia e aos Padres da Igreja, estava especialmente ocupado citando autores da antiguidade clássica. O modelo ciceroniano e a arte epistolar nunca lhe escaparam e, além disso, seu amigo Favre qualifica as cartas de Francisco não apenas como “ciceronianas”, mas como “atenienses”. Não é de surpreender que uma de suas próprias cartas a Antônio Favre contenha a famosa citação de Terêncio: “Nada do que é humano nos é estranho”, um adágio que se tornou uma profissão de fé entre os humanistas.

Em conclusão, Francisco considerava essa amizade como um presente do céu, descrevendo-a como uma “amizade fraterna que a bondade divina, a forjadora da natureza, teceu de forma tão vívida e perfeita entre ele e eu, embora fôssemos diferentes em nascimento e vocação, e desiguais em dons e graças que eu possuía somente nele”. Durante os anos difíceis que estavam por vir, Antônio Favre sempre foi seu confidente e seu melhor apoio.

Uma missão perigosa

Em 1594, o duque de Saboia, Carlos Emanuel I (1580-1630), acabara de recapturar o Chablais, uma região próxima a Genebra, ao sul do Lago de Genebra, que há muito tempo era disputada entre vizinhos. A história político-religiosa do Chablais era complicada, como mostra uma carta escrita em italiano rudimentar em fevereiro de 1596 e endereçada ao núncio em Turim:

Uma parte dessa diocese de Genebra foi ocupada pelos bernenses há sessenta anos, [e] permaneceu herética; tendo sido reduzida ao poder total de Sua Sereníssima Alteza nos últimos anos, pela guerra, [e reunida com] seu antigo patrimônio, muitos dos [habitantes,] movidos mais pelo estrondo dos arcabuzes do que pelos sermões que estavam sendo pregados ali por ordem do Senhor Bispo, foram reconduzidos à fé no seio da santa mãe Igreja. Mas, depois que essas terras foram infestadas pelas incursões dos genebrinos e dos franceses, eles voltaram à lama.

O duque, com a intenção de trazer essa população de cerca de vinte e cinco mil almas de volta ao catolicismo, recorreu ao bispo para fazer o que precisava ser feito. Já em 1589, ele havia enviado cinquenta párocos para retomar a posse das paróquias, mas eles logo foram expulsos pelos calvinistas. Dessa vez, era necessário proceder de forma diferente, ou seja, enviar dois ou três missionários altamente instruídos, capazes de enfrentar a tempestade que não deixaria de atingir os “papistas”. Em uma assembleia do clero, o bispo delineou o plano e pediu voluntários. Ninguém deu uma palavra. Quando ele voltou os olhos para o decano de Sales, este lhe disse: “Senhor Bispo, se acha que sou capaz e se me mandar, estou pronto para obedecer e irei de boa vontade”.

Ele sabia bem o que o aguardava e que seria recebido com “insultos nos lábios ou pedras nas mãos”. Para Francisco, a oposição de seu pai a essa missão (perigosa à sua vida e ainda mais à honra de sua família) não parecia mais ser um obstáculo, porque ele reconhecia uma vontade maior na ordem do bispo. Às objeções de seu pai sobre os perigos reais da missão, ele respondeu com orgulho:

Meu Pai, Deus proverá: é ele quem ajuda os fortes; você só precisa de coragem. [...] E se fôssemos enviados para a Índia ou para a Inglaterra? Você não deveria ir para lá? [...] É verdade que é um trabalho árduo, e ninguém ousaria negar isso; mas por que vestimos essas roupas se nos esquivamos de carregar o fardo?

Ele se preparou para a missão no Castelo de Sales no início de setembro de 1594, em um clima pesado: “Seu pai não queria vê-lo, porque se opunha totalmente ao compromisso apostólico do filho e o havia impedido com todos os esforços imagináveis, sem ter conseguido minar sua generosa decisão. Na última noite, despediu-se em segredo de sua virtuosa mãe”.

Em 14 de setembro de 1594, ele chegou ao Chablais em companhia de seu primo Luís de Sales. Quatro dias depois, seu pai enviou um criado para dizer-lhe que voltasse, “mas o santo jovem [em resposta] mandou de volta seu criado Jorge Rolland e seu próprio cavalo, e persuadiu seu primo a voltar também para tranquilizar a família. O primo lhe obedeceu, embora mais tarde tenha voltado para vê-lo. E nosso santo contou [...] que, em toda a sua vida, nunca havia sentido tanta consolação interior, nem tanta coragem no serviço de Deus e das almas, como naquele dia 18 de setembro de 1594, quando se viu sem companheiro, sem camareiro, sem sua equipe, e obrigado a vagar de um lado para o outro, sozinho, pobre e a pé, empenhado em pregar o Reino de Deus”.

Para dissuadi-lo de uma missão tão arriscada, seu pai cortou sua alimentação. De acordo com Pedro Magnin, “o pai de Francisco, como eu soube

pelos lábios do santo homem, não quis ajudá-lo com os recursos que teriam sido necessários, desejando desviá-lo de tal empreendimento iniciado por seu filho contra seu conselho, bem ciente do perigo óbvio ao qual ele estava expondo sua vida. E uma vez ele o deixou sair de Sales para voltar a Thonon com apenas um escudo, de modo que [Francisco] foi forçado [...] a fazer a viagem a pé, muitas vezes mal vestido e mal equipado, exposto a um frio intenso, vento, chuva e neve insuportáveis neste país”.

Depois de um ataque que sofreu com Jorge Rolland, o Senhor de Boisy tentou novamente dissuadi-lo do empreendimento, mas sem sucesso. Francisco tentou mexer com as cordas de seu orgulho paterno, escrevendo-lhe estas linhas de forma louvável:

Se Rolland fosse seu filho, enquanto é apenas seu camareiro, ele não teria tido tão pouca coragem a ponto de desistir de uma luta tão modesta como a que lhe aconteceu, e não falaria dela como uma grande batalha. Ninguém pode duvidar da má vontade de nossos adversários, mas os senhores nos ofendem quando duvidam de nossa coragem. [...] Peço-lhe, portanto, meu Pai, que não atribua minha persistência à desobediência e que sempre me considere como seu filho mais respeitoso.

Uma observação esclarecedora transmitida a nós por Alberto de Genebra nos ajuda a entender melhor o que acabou convencendo o pai a parar de se opor ao filho. O avô dessa testemunha no processo de beatificação, amigo do Senhor de Boisy, disse um dia ao pai de Francisco que ele devia se sentir “muito afortunado por ter um filho tão querido por Deus, e que o considerava sábio e temente a Deus demais para se opor à santa vontade [de seu filho], que visava à realização de um plano no qual o santo nome de Deus seria grandemente glorificado, a Igreja exaltada e a casa de Sales receberia maior glória do que todos os outros títulos, por mais ilustres que fossem”.

O tempo das responsabilidades

Decano da catedral em 1593, com apenas 25 anos de idade, e chefe da missão no Chablais no ano seguinte, Francisco de Sales pôde contar com uma educação excepcionalmente rica e harmoniosa: uma educação familiar bem cuidada, uma formação moral e religiosa de alta qualidade e estudos literários, filosóficos, teológicos, científicos e jurídicos de alto nível. É verdade que ele havia se beneficiado de possibilidades proibidas para a maioria de seus contemporâneos, mas nele eram fora do comum o esforço pessoal, a resposta generosa aos apelos

que recebia e a tenacidade que demonstrava na busca de sua vocação, sem mencionar a espiritualidade marcante que inspirava seu comportamento.

A essa altura, ele estava se tornando um homem público, com responsabilidades cada vez mais amplas, o que lhe permitia fazer bom uso de seus dons de natureza e graça para os outros. Preconizado para se tornar bispo coadjutor de Genebra já em 1596, nomeado bispo em 1599, ele se tornou bispo de Genebra após a morte de seu antecessor em 1602. Um homem da Igreja acima de tudo, mas muito imerso na vida da sociedade, nós o veremos preocupado não apenas com a administração da diocese, mas também com a formação das pessoas confiadas ao seu ministério pastoral.